

PecuáriaSul

REVISTA

A FORÇA DA PECUÁRIA DO SUL DO BRASIL



Foto: Equipe PecuáriaSul



Pecuária Regenerativa

Saiba mais sobre esta tendência que vem influenciando produtores rurais na busca por melhores resultados

Do Açougue Para à Fazenda

Conheça um sistema de produção que surgiu da busca por qualidade para seu consumidor



Cadastre-se em nosso site e receba nossas publicações automaticamente em seu e-mail.



Mas se você é daqueles que não abre mão da revista impressa,

entre em contato por e-mail ou pelas nossas redes sociais para adquirir uma assinatura e receber a Revista PecuariaSul bimestralmente no conforto de casa.



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br

Venha conosco! Juntos somos mais PecuariaSul!



Editorial



Carolina Balbé de Oliveira de Souza

é Veterinária, Mestre em Agronegócios (UFRGS), Doutora em Produção Animal (UFRGS) e Editora da Revista PecuariaSul.

Caros leitores,

Chegamos na oitava edição da Revista PecuariaSul!

Nessa edição fomos até os municípios de Cristal e Pelotas no Rio Grande do Sul, para conhecer o sistema de produção pecuária da **Fazenda Cristal**, que iniciou seu trabalho no açougue, entendendo as demandas do consumidor e através dessa experiência, consolida sua marca no mercado de carnes de qualidade.

Trazemos também um artigo sobre o **manejo regenerativo**, um sistema de produção focado na regeneração do solo, que agrega práticas altamente sustentáveis sobre os aspectos econômicos, social e ambiental e que vem ganhando cada vez mais espaço no sul do Brasil.

Nesta edição contamos com uma novidade, o Caderno SIA, um espaço onde os consultores técnicos da SIA (Serviço de Inteligência em Agronegócios) irão abordar temas de alto impacto sobre a nossa pecuária.

Demanda do Consumidor pela Qualidade de Carne

Trazemos ainda uma super entrevista com a CEO do Território da Carne falando sobre a cadeia da carne bovina e os hábitos de consumo. O Caderno ENCORTE traz um artigo sobre hidatidose e temos ainda um artigo sobre a nova genética Charolês, uma excelente opção para melhorar o rendimento de carcaça e de cortes. Por fim, tratamos sobre a importância da análise de solo e seu impacto para o desenvolvimento da nossa pecuária.

Boa Leitura!

Juntos somos mais PecuariaSul!

Mais de R\$ 1 milhão
em vales-poupança.
A grande jogada é
poupar pra ganhar!



**POUPANÇA
PREMIADA**

★★ **SICOOB2022** ★★



A cada 200 reais depositados, ganhe um número da sorte para concorrer.

★
220 prêmios
semanais de
R\$ 2 mil



★
25 prêmios
mensais de
R\$ 20 mil



★
2 prêmios no
sorteio final de
R\$ 250 mil



 **SICOOB**

Mais que uma
escolha financeira.

SAIBA MAIS E PARTICIPE. sicoob.com.br/poupancapremiada

Índice



06



13



25



06

PECUÁRIA REGENERATIVA NO PAMPA GAÚCHO

Saiba mais sobre esta tendência que vem influenciando produtores rurais na busca por melhores resultados

13

FAZENDA CRISTAL - DE OLHO NAS EXIGÊNCIAS DO CONSUMIDOR

03 Editorial

25

CHAROLÊS - GENÉTICA RELACIONADA A ALTOS ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE

20 Caderno SIA
Você Sabe Como os Pastos
Crescem?

30

ENTREVISTA - TERRITÓRIO DA CARNE

37 Caderno ENCORTE
Hidatidose - Uma Importante Zoonose

42 PecuaríaSul Negócios

47 Tudo Começa com a Análise de Solo



Campo nativo diferido no verão, sendo pastejado com alta carga instantânea no outono. Pastejos rápidos e descansos longos tendem a criar uma condição mais uniforme de pasto, evitando o sobrepastoreio contínuo das espécies mais palatáveis. Foto: Leonardo Canellas

PECUÁRIA REGENERATIVA NO PAMPA GAÚCHO

GANADEROS Y GANADERAS,

Neste espaço que nos foi concedido, lhes convido a refletir sobre como estamos conduzindo nossas propriedades rurais. O que estamos produzindo? Como estamos produzindo? Nossas decisões estão alinhadas com a qualidade de vida que queremos ter? Estamos cuidando da nossa base futura de recursos? Estas perguntas, que faço sistematicamente a mim mesmo durante minha “pecuária de final de semana”, busco despertar, da mesma forma, frente aos nossos clientes de assessoria.

A pecuária gaúcha, construída com base na ocupação e defesa de territórios, moldadora da nossa estirpe, da qual tanto nos orgulhamos, mudou muito desde nossos avós, bisavós ou tataravós. Não temos mais tanto espaço para produzir, o clima e o solo não são mais os mesmos, a indústria e o consumidor têm outros

tipos de exigência. A pressão que vem da cidade, pedindo por uma produção **sustentável** no campo, embora muitas vezes seja desproporcional e ignorante, sinaliza que não somos perfeitos.

Globalmente falando, somos, sim, poluidores. Sem tapar o sol com a peneira, boa parte do nosso modelo agrícola é convencional, remete à Revolução Verde, com os combustíveis fósseis sendo ainda a base da nossa produção. Uma base produtiva que consome solo, desperdiça recursos, reduz a biodiversidade, contamina cursos d’água, endivida produtores e governos, enriquece grandes corporações e fornece alimentos de baixa densidade nutricional para a população.

A essas alturas, se você chegou até aqui na leitura deste texto, deve estar pensando: mas isso parece discurso de militante político ou de um “Eco-chato” qualquer. Iniciei o texto convidando a fazermos uma reflexão, e esse é o meu objetivo. Tirar o leitor do “**modo automático**” que muitas vezes nosso meio nos induz a entrar.

MODELO CONVENCIONAL VS MODELO REGENERATIVO

Historicamente, boa parte dos campos de pecuária foram degradados por mau uso. Sobrepastoreio contínuo, excesso de uso de fogo, substituição do pasto natural por forrageiras milagrosas... Isso resultou em uma vasta área de terras menos produtivas, solos mais pobres e pecuaristas incapazes de conter o avanço da produção de grãos ou o florestamento sobre os campos. Não estou dizendo aqui que a agricultura é ruim, muito pelo contrário. Mas que tipo de agricultura avançou sobre nossos campos em muitos casos já degradados? Em boa parte, uma lavoura também extrativa e degradadora.

Vamos exemplificar. Trocar uma pecuária que produz 50-60 kg/hectare/ano por um arrendamento para soja, por menor valor que seja, é algo muito atrativo. Mas que tipo de produção vai ser estabelecida nesta área? Será uma integração lavoura-pecuária “ganha-ganha” ou “perde-perde”? Como ficará esta área 10, 20 ou 30 anos depois? Essas perguntas só farão sentido se você estiver preocupado com a sua base futura de recursos. Se estiver preocupado somente em trabalhar pouco e ganhar algum dinheiro hoje, nada disso importa.



Leonardo Canellas

É Médico Veterinário, Mestre e Doutor em Zootecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Co-fundador e Diretor Executivo da Ganado Assessoria Agropecuária.

Felizmente, existe um número crescente de produtores que estão fazendo uma verdadeira transformação no campo. Por motivos diferentes, alguns focados em produzir mais, outros em melhorar seu solo, outros em despertar o interesse dos filhos no negócio. E vários deles conscientes de que tudo isso é fundamental para ganhar dinheiro no longo prazo.



Campo nativo com característica de duplo estrato, em descanso parcial. Ao mesmo tempo, desperdício de pasto e falta de comida para os animais. Cena clássica do pastoreio contínuo sem ajuste adequado de carga.

Foto: Leonardo Canellas



Pastoreio ultradenso em pastagem de azevém com trevo branco. Pasto diferido para uso estratégico na primavera, pastejado com 3 trocas diárias, carga instantânea de 120.000 kg e carga global de 3.600 kg/ha durante 56 dias.
Foto: Leonardo Canellas

As práticas regenerativas estão ganhando espaço. Alguns nem sabem, mas estão fazendo parte de um processo de regeneração. Uma transição de um modelo convencional, extrativista e degradador, que sobrecarrega as pessoas e o planeta, para um modelo que busca ir a favor da natureza, não contra ela. **Produzir “a la mano de la naturaleza”, como dizem nossos irmãos castellanos.** Essa transição é lenta e gradual, alguns irão fazê-la sem perceber, outros a farão de forma muito consciente e os que não a fizerem... provavelmente ficarão pelo caminho.

PRÁTICAS REGENERATIVAS

O modelo convencional está aí, perdendo espaço. Campo continuamente rapado, excesso de revolvimento de solo, áreas enormes sem cobertura forrageira no inverno, solo exposto sendo perdido. Áreas cultivadas com monoculturas sucessivamente ao longo dos anos. Isso tende a acabar, seja por limitações ambientais, sociais, de mercado, mas, principalmente, por questões econômicas.

A notícia boa para você, pecuarista convicto, é que a produção dita sustentável de alimentos passa, inevitavelmente pela pecuária. **A pastagem é a fase regeneradora do sistema e o componente animal exerce papel fundamental em todo esse processo,** seja ocupando áreas marginais para agricultura, seja compartilhando áreas com a produção de grãos. E aqui, no subtropical brasileiro, isso já está comprovado pela pesquisa e está sendo amplamente difundido no campo por técnicos e produtores.

A pecuária é a atividade econômica mais racional para a conservação ou melhoria do ambiente sem a dependência de muitos insumos externos. Pensando no bioma Pampa, é talvez a única atividade capaz de recuperar áreas degradadas com investimento praticamente zero. Por meio de tecnologias de processo é possível regenerar, mesmo que lentamente, solos que foram exauridos por más práticas agrícolas (incluindo a própria pecuária extrativista).

Um dos princípios da pecuária regenerativa é a redução da dependência do uso de fertilizantes, defensivos agrícolas e combustíveis por hectare ou por unidade produzida. Essa redução pode ser mais rápida ou mais lenta, dependendo do contexto de cada um. Temos exemplos de produtores que resolveram fazer uma transição da lavoura convencional de grãos para uma pecuária regenerativa e praticamente zeraram o uso de insumos externos.

Outros resolveram escolher reservar áreas da propriedade para regenerar com baixo uso de insumos e mantiveram outras áreas com uso agrícola mais intensivo, focando no uso racional de insumos. Ambos estão satisfeitos e evoluindo, mas conscientes de que o tempo em que vivemos exige uma mudança de visão. **Para o bem das futuras gerações.**


Quando focamos em regenerar nosso ambiente produtivo, todas as nossas ações são pensando no longo prazo, ações essas voltadas para melhoria cumulativa do solo, reativando os processos naturais e “ajudando” a natureza a nos fazer produzir melhor.

TÉCNICAS DE PASTOREIO

A forma com que o pasto é manejado tem impacto direto na melhoria ou piora do ambiente produtivo. É um assunto que desperta paixões. Existe uma vasta literatura, que converge em muitos aspectos e diverge em outros. Existem diversas técnicas de pastoreio, é preciso compreendê-las e lançar mão das que mais se adequam a cada contexto. Fato é que nós, produtores e profissionais das ciências agrárias, em geral não sabemos manejar pasto.

Gosto muito dos conceitos de **Sobre-Pastoreio, Sobre-Descanso, Descanso Parcial, e Pulso Planificado**, que aprendi em um curso de Manejo Holístico de pastagens. Sem entrar em maiores detalhes:

- **Sobre-Pastoreio** é quando as plantas são exauridas por excesso de pastejo, o que é muito comum e praticamente inevitável nos sistemas clássicos de pastoreio contínuo. É o sistema mais degradador de todos, pois vai na contramão do ambiental, do econômico e do bem-estar animal.
- **Sobre-Descanso** é quando o pasto fica muito “passado” e começa a oxidar, resultando em perdas de pasto e de desempenho animal.



Inteligência aplicada e paciência, trabalhando a favor da natureza. A pecuária regenerativa deve ser conduzida com uma visão de longo prazo.
Foto: Leonardo Canellas

- **Descanso Parcial** ocorre quando temos uma situação de duplo estrato onde parte das plantas estão muito pastejadas e parte são excluídas do pastejo. É comum no pastoreio contínuo e no pastoreio contínuo com carga ajustada. Esse talvez seja o conceito mais “polêmico” e discutível conforme a espécie forrageira da qual estamos falando. Quando priorizamos o desempenho individual dos animais funciona bem, embora haja desperdício de pasto. Quando falamos de pastagens multi-espécie, como o campo nativo por exemplo, a tendência é que, no longo prazo, necessitemos intervir com roçadas para uniformizar o pasto não consumido, que entra em sobre-descanso.

- **Pulso Planificado** ou o que estamos chamando de **Diferimento Sistemático** é, na nossa avaliação, a situação ideal, onde programamos o quanto cada lote de animais vai consumir em determinado espaço físico por determinado espaço de tempo. O conceito é que possamos colocar o maior número de animais possível, na menor área possível, durante o menor período possível. Claro que isso deve ser feito respeitando algumas premissas como características do solo, das plantas forrageiras, as exigências das categorias animais utilizadas e os objetivos de produção. Esse sistema nos dá muita previsibilidade, pois por meio do nosso plano de pastoreio, sabemos por quanto tempo teremos pasto e onde os animais estarão ao longo do tempo.

Alguns trabalhos têm demonstrado que o pasto bem manejado sequestra carbono da atmosfera e o estoca no solo. Existem várias formas de manejar bem o pasto, independente do sistema de pastoreio. Humildemente, acreditamos que para tornar a pecuária mais rentável, conviver com a pressão da agricultura e regenerar solos necessitamos trabalhar com mais animais por área, buscando distribuir uma alta carga de dejetos da melhor forma possível e promovendo descanso adequado para as plantas. **Precisamos ser pastores.**

ROTAÇÃO DE CULTURAS

Dados de pesquisa e mensurações realizadas dentro de fazendas demonstram incrementos de 10-20% na produção de grãos em sistemas que utilizam rotação de culturas com pastagem e pecuária. No nosso clima subtropical temos o privilégio de poder trabalhar com plantas forrageiras de ciclo hibernar e fazer uma pecuária de alto desempenho no inverno. Ao mesmo tempo, cobrimos o solo e entregamos, ao final do ciclo, um terreno em condições ótimas para a cultura de grãos subsequente.

O exemplo clássico é o consórcio aveia/azevém e soja ou milho, onde se produz um número importante de kg de peso vivo durante o inverno enquanto este pasto forma raízes que estruturam o solo e são fundamentais para a resiliência do sistema. Na cultura do arroz, a pecuária atua na incorporação da palha do arroz após a colheita, reduzindo a necessidade de mecanização e preparo de solo e facilitando a implantação de plantas de cobertura. Sem falar nas rotações com leguminosas, que fixam nitrogênio no solo e o tornam disponível para a lavoura, reduzindo a necessidade de adubação.

Por fim, as rotações com pastagens perenes têm ganhado destaque na recuperação de solos degradados pela monocultura de grãos.



Pastagem anual de verão em rotação com lavoura de soja. Utilizada para pastejo durante o verão e diferida para formação de palha e recuperação do solo.
Foto: Leonardo Canellas

Esses pastos entram nas áreas menos produtivas, com a função de regenerar o solo, por meio de suas raízes e cobertura de solo. Os animais pastejam estas áreas durante 2 a 6 anos, realizando uma importante ciclagem de nutrientes e gerando renda. Ao final desse ciclo, entregam um solo recuperado e com alta capacidade de produção de grãos.

BIOTIPOS ADAPTADOS

Impossível falar sobre pecuária regenerativa sem falar de adaptação animal. **Ruminantes foram feitos para converter fibra em proteína animal.** O que observamos é que, ao longo do tempo, priorizamos nossa seleção para ganhos individuais. Focados na qualidade de carne e peso de carcaça, acabamos selecionando biotipos adaptados a sistemas de confinamento. Acontece que esses animais apresentam maior exigência nutricional e, conseqüente, um custo energético maior e um desempenho menor a pasto.

Nesse sentido, precisamos encontrar – e estamos encontrando – um biotipo mais equilibrado, que seja pastoril e ao mesmo tempo entregue uma carcaça com bom peso e acabamento na ponta final. E que, além de tudo esteja adaptado a um clima imprevisível: resistente ao calor, ao frio, à seca e a ectoparasitas.

IMPACTO POSITIVO

Sistemas mais resilientes, que prezam pela manutenção ou reativação dos ciclos naturais, pela biodiversidade, qualidade da água, melhoria do solo, sequestro de carbono. É um processo contínuo que busca formar sistemas mais estáveis e resilientes, menos dependentes de insumos externos, com foco no resultado econômico, mas também na qualidade de vida e na melhoria da nossa base futura de recursos.

Por fim, usando a máxima de que a palavra convence, mas o exemplo arrasta, reitero o convite: reflita, questione sobre o que está sendo feito na sua propriedade rural. Vá atrás dos exemplos, quebre paradigmas. **Tem muita gente “regenerando” por aí.**





SELECT SIRES DO BRASIL

BALDRIDGE MOVIN ON

BALDRIDGE MOVIN ON G780



7AN595

Baldrige Alternative E125 x Baldrige Isabel B061

 selectsiresbrasil

Rua São Nicolau, 230 - pavilhão 6B | Bairro: Santa Maria Goretti | CEP 91030-230 | Porto Alegre | RS
Fone: 55 51 3222.9688 - selectsires@selectsires.com.br

 @selectsiresdobrasil

 selectsiresdobrasil

 selectsiresdobrasil

www.selectsires.com.br



Foto: Revista PecuariaSul

FAZENDA CRISTAL - DE OLHO NAS EXIGÊNCIAS DO CONSUMIDOR

Conheça a realidade de uma empresa que começou com um açougue e que expandiu seus negócios para a produção pecuária, num projeto baseado na produção de carnes de alta qualidade

Em meados deste último mês de setembro tivemos a oportunidade de visitar a Fazenda Cristal, no município de Cristal no Rio Grande do Sul. Por lá, conhecemos um sistema de recria e terminação a pasto, num projeto compacto e de alta produtividade. Além disso, nos deparamos com um modelo de gestão diferenciado, que tem foco total nas exigências do consumidor final da carne por lá produzida.



A CARNE DO ALEMÃO

Para entendermos melhor essa história começaremos contando sobre a origem do negócio, quando a família Bahr adquiriu um açougue em 1999 na cidade de Pelotas/RS. O negócio prosperou conquistando clientes através da qualidade dos produtos oferecidos no açougue chamado Alemão Boa Carne, localizado a cerca de 5 Km do centro da cidade.

A cerca de 8 anos, o empreendimento foi assumido por Daniel Bahr (foto), após o falecimento de seu pai. O negócio continuou “nos trilhos” em função da experiência de Daniel que trabalhava e participava de tudo desde muito jovem. Com o passar do tempo foram se estabelecendo parcerias estratégicas de fornecimento de novilhos jovens e com a qualidade necessária para atender a casa de carnes.

Ainda assim, o persistente desafio do abastecimento, principalmente no que tange a sazonalidade, levou o empresário a adquirir em 2019, uma área de 157 hectares para instalar seu projeto de recria e terminação a pasto.

Nasce então a Fazenda Cristal, um empreendimento gerido pela percepção de quem comercializa a carne produzida com o cliente final.

SISTEMA DE CRIAÇÃO A PASTO

O projeto instalado começou a operar com o objetivo de recriar os animais durante o inverno e terminar e abater estes animais durante os meses de verão, onde se encontra o principal desafio de abastecimento. Para isso, foram implantadas pastagens anuais de inverno e uma área de 34 hectares com uma pastagem perene de verão com irrigação, além de áreas de campo nativo melhorado.

Todo o projeto foi acompanhado com assessoramento técnico, desde a correção do solo, passando pela escolha das variedades de cultivo, pelo piqueteamento das áreas e principalmente nos ajustes com a nutrição como suplemento.

OS DESAFIOS DO INVERNO

Ao avançarmos sobre os dados de produção, entendemos que a parte central do projeto está na entrada de terneiros com 180 Kg de média e na saída destes animais para o abate com média de 480 Kg. Esse processo precisa ser concluído em cerca de 10 meses, para aproveitar os momentos estratégicos de compra e de abate dos animais. Por isso, a fase de inverno, que conta com 90 hectares de área de pastagens, deve ser otimizada com a entrada dos animais para iniciarem a etapa de recria o mais cedo possível.

A estratégia adotada está na implantação de aveia branca em 20% desta área e o restante cultivado com azevém, para garantir o início da utilização da mesma de maneira mais precoce, pois em média, 60% dos animais entram na propriedade no final do outono.

O Manejo se dá num sistema de rotação de pastagens e piqueteamento, com utilização de cercas elétricas, tendo o objetivo de melhorar a utilização das pastagens sem perder o foco no desempenho dos animais.

Os piquetes são montados com tamanhos que variam normalmente entre 3 e 6 hectares, dependendo principalmente do acesso aos bebedouros e comedouros. A observação da oferta da pastagem é feita diariamente e os animais permanecem em média entre 3 e 5 dias em cada piquete.

Importante mencionar, que 60 hectares dos 90 utilizados com pastagem no inverno, são cultivados com soja no verão, em rotação com os 30 hectares restantes que são destinadas a implantação de pastagem de anual de verão (neste ano será o milho, variedade Campeiro). Esse rodízio vem sendo utilizado para melhorar a fertilidade das áreas e controlar a infestação de plantas invasoras.



ALTA CARGA NO VERÃO

A estrutura forrageira utilizada no verão conta basicamente com duas áreas principais, uma delas, mencionada a pouco, se dá sobre 30 hectares de pastagem anual de verão, onde neste ano será cultivado o milho na variedade Campeiro.

Porém, a “cereja do bolo” está numa área de 34 hectares de pastagem perene de verão, cultivada com o Capim Jiggs (*Cynodon dactylon*). Essa área é irrigada por 545 aspersores, num projeto da empresa AQUASOLO.

As divisões de cercas elétricas formam 6 módulos com 18 piquetes de 3.000 m² cada. Além disso, cada módulo conta com praça de alimentação com comedouro e bebedouro e sombra natural ou de sombrite.

Fomos convidados para acompanhar os resultados desta área durante este próximo verão e **planejamos um artigo somente sobre esta estrutura.**

Durante o último ciclo de verão (2021-2022), os resultados na área de Jiggs foram extremamente promissores, pois mesmo com toda a seca ocorrida, a irrigação e principalmente o reservatório de água (barragem), conseguiram dar suporte.

Neste próximo ciclo, a meta é de trabalhar com carga média de 3.600 Kg de peso vivo por hectare, durante pelo menos 210 dias. Cabe ressaltar que existe uma interação de manejo entre as áreas de verão, podendo transitar animais entre as mesmas para ajuste de carga.

Desta maneira, a produção forrageira de verão, consegue dar o suporte necessário para a terminação de novilhos no momento de maior carência no mercado, cumprindo assim uma das funções mais importantes do projeto, que é a manutenção da oferta de carne de qualidade, principalmente nesse período.



Capim Jiggs

Capim Jiggs

Aveia Ucraniãna

SUPLEMENTAÇÃO NA MEDIDA CERTA

Como já comentamos algumas vezes neste texto, todas as divisões de piquetes da propriedade possuem comedouros, que são em sua maioria comedouros de autoconsumo ou modelo “tulha”, comumente chamados. Isso porque, o manejo nutricional do sistema prevê que todos os animais sejam suplementados, mantendo o balanço nutricional para os requerimentos de proteína, energia e minerais.

A estrutura conta com silos de armazenagem de milho, geralmente comprado de pequenos produtores da região, e uma pequena e funcional linha de moagem e mistura de ingredientes automatizada.

A suplementação é ajustada para atender os requerimentos previstos em cada fase de desenvolvimento dos animais. Para esse ajuste, leva-se também em consideração a forragem que os animais estão consumindo no momento, bem como o estágio de seu ciclo produtivo.

A mão-de-obra é otimizada de maneira que os dois funcionários da fazenda trabalhem produzindo os suplementos uma vez por semana e abastecendo os comedouros em média duas vezes durante a semana.

O consumo da suplementação também é planejado, para os animais tenham uma ingestão média entre 0,3 e 0,4% de seu peso vivo, variando com a carga trabalhado no momento e a necessidade de ganho de peso projetada.



TECNOLOGIA DE GESTÃO DE DADOS

Um ponto muito importante sobre a gestão da Fazenda Cristal é o uso de tecnologia. Enquanto conversamos com Daniel, pudemos perceber que os dados estavam todos sempre ao alcance de sua mão, bem ali no seu smartphone. Todos os animais que entram na propriedade recebem um brinco de identificação visual e outro contendo um chip. Neste momento de entrada, além do peso, são registrados os dados de origem do indivíduo, assim como o protocolo sanitário recebido no momento. Pesagens individuais são realizadas mensalmente com a utilização de balança eletrônica e registrados com bastão de leitura, de forma que todos estes dados estejam sempre facilmente disponíveis para a tomada de decisões mais assertivas. Outro espetáculo de tecnologia é o controle de programação e acionamento da irrigação da área cultivada com Capim Jiggs, tudo isso sempre disponível na palma da mão e a distância.

PLANOS PARA O FUTURO

Como todo o empresário, Daniel projeta suas metas de crescimento. Entretanto, existe a preocupação constante com a sustentabilidade do sistema. Além da Fazenda Cristal, a casa de carnes trabalha com mais duas propriedades no fornecimento de animais, parcerias estabelecidas desde o início da gestão de Daniel e que trabalham com a mesma filosofia de produção de novilhos jovens.

Desde 2018, o Administrador de Empresas Gabriel Bahr, irmão de Daniel, trabalha focado na gestão da casa de carnes, agregando forças para o crescimento da empresa como um todo.

Atualmente, os empresários apostam em sua expansão através do segmento de cortes premium embalados a vácuo e também de porcionados como hambúrguers e aperitivos, para conquistar mercados maiores e consolidar cada vez mais, a marca Fazenda Cristal, como sinônimo de carne de qualidade e produzida a pasto.



Tranquilidade é cuidar do seu rebanho em qualquer lugar!

Verifique em tempo real, através do celular, diferentes pontos de sua cerca elétrica com o monitoramento de cercas elétricas Tru-Test



- ✓ Resistente às intempéries
- ✓ Funciona com qualquer eletrificador e estrutura de cerca elétrica
- ✓ Monitore a voltagem em diferentes pontos da cerca através do aplicativo
- ✓ Receba alertas no seu celular.



Acesse o QR Code
para mais informações

Caderno



VOCÊ SABE COMO OS PASTOS CRESCEM?

Armino Barth Neto - Gerente técnico SIA

Manejar bem os pastos é sempre um grande desafio, pois envolve um grande dilema da natureza: fazer as plantas produzirem folhas para crescerem vigorosas e, ao mesmo tempo, fornecerem folhas em quantidade e qualidade para que os animais se alimentem bem e convertam em mais carne, leite, lã e etc.

Conhecer esse dilema e manejar bem os pastos, é fundamental que você domine dois processos: entender como as plantas crescem e quais são as estratégias dos animais para cumprir o seu desafio diário, que é chegar no final do dia de barriga cheia.

As plantas para crescerem precisam de folhas, que funcionam como grandes placas solares. Captam a radiação e, somadas a água, nutrientes do solo e o gás carbônico da atmosfera, fazem a fotossíntese e geram energia para produzir.

Os herbívoros (bois, ovelhas, cabras e cavalos) no seu processo de pastejo, consomem preferencialmente folhas, já que nelas concentra a maior quantidade de nutrientes, extremamente importante para a nutrição e desempenho desses animais. Se vocês não tinham notado isso, agora, acredito que tenha ficado mais claro onde mora todo o desafio.

Como essa história é um pouco longa, resolvi dividir em três partes (quase uma trilogia do cinema). No texto de hoje, vamos falar do crescimento das plantas gramíneas. No próximo, como os animais pastejam e, por fim, como gerenciar esse dilema e manejar bem os pastos. Em todos eles, vamos procurar explicar de maneira bem simples, sem muito “tecniquês”, para que um maior número de pessoas entendam toda essa lógica dos processos e possam aplicar isso no seu trabalho diário, buscando zerar os erros no manejo dos pastos. Então, vamos começar!

PERFILHOS, OS NOSSOS SOLDADOS DO CRESCIMENTO DO PASTO

Antes de falar especificamente do crescimento do pasto de verdade, é preciso falar um pouco do que é formado o chamado perfilho. O perfilho, se a gente fosse comparar os pastos com um exército, ele é o equivalente ao soldado. Uma pastagem é composta por uma série de “soldados”: o exército de perfilhos.

Cada soldado é uma plantinha nova que aparece e pode sair da base (a partir do solo) ou aéreas, quando saem a partir da inserção das folhas nos colmos. Como no exército cada soldado é importante, o crescimento de cada perfilho é fundamental para o crescimento e produção da pastagem como um todo.

O nosso soldado vegetal, o perfilho, é formado pelas raízes, colmos (muita gente chama de talos), folhas e o material morto. O material morto ou senescente é basicamente as folhas secas que vão aparecendo na parte de baixo dos perfilhos. A medida que o pasto cresce essas folhas ficam sombreadas, não conseguem mais fazer fotossíntese, perdem a função e sem forças acabam morrendo.

Quanto mais alto os pastos, mais folhas. Até mesmo perfilhos inteiros acabam sendo sombreados na base do dossel (amontoado de perfilhos, colmos e folhas), deixam de produzir e acabam morrendo (a competição por luz é ferrenha).

Toda produção das raízes, folhas e colmos partem de um ponto de crescimento dos perfilhos, o chamado "meristema apical" (sei

que esse nome é complicado, mas não se assuste). Quando os perfilhos são pequenos, o meristema apical está bem rente ao solo e protegido de ser comido pelo gado - "soldado novo, ainda bem resabiado".

Se o meristema for comido, significa que o soldado foi abatido e aquele perfilho já era. Não tem mais da onde surgir novas folhas e ele morre, por isso é importante protegê-lo.

No crescimento do pasto, conforme a situação vai ficando tranquila, sem muito combate (bois comendo), os perfilhos (nossos soldados) vão crescendo, os colmos vão alongando, o meristema apical vai ficando mais corajoso, assume o risco e perde o medo, sobe por dentro do colmo e se não for comido no meio do caminho, ele sai lá na parte alta da planta, no formato de inflorescência (estrutura que sustenta as flores) e depois produz as sementes, cumprindo a sua missão de gerar novos descendentes.

Já entendeu né, uma vez que a inflorescência aparece, aquele perfilho não emite mais folhas e para de crescer. **Nosso trabalho enquanto manejadores de pasto é prorrogar ao máximo que a missão dos perfilhos de produzir sementes, seja cumprida.**



Figura: O nosso soldado, o perfilho (esquerda) e o dossel (emaranhado de perfilhos) a direita.
Fonte: Equipe SIA.

EVOLUÇÃO DA TROPA: A CURVA DE CRESCIMENTO DO PASTO

Bom, agora que você já entendeu do que são formados e como é a dinâmica do crescimento de cada soldado, os perfilhos, vamos falar um pouco da evolução do crescimento de toda a tropa, a chamada “**curva de crescimento do pasto**”. Para ficar mais fácil de explicar toda essa caminhada, vamos imaginar que gente tinha uma área de um pasto já bem adubado e em uma bela noite um lote grande de gado escapou, entrou nesse piquete e pela manhã, quando você foi olhar, a área e o pasto estava no chão, totalmente rapado. Você rapidamente abre a porteira e tira os animais da área, deixa esse piquete fechado e reforça a cerca para não ter mais essa surpresa desagradável.

Agora, me acompanha e tenta imaginar esse pasto crescendo ao longo dos dias, certo? A figura logo abaixo vai ilustrar a curva de crescimento e vai nos ajudar a entender melhor todo esse processo.

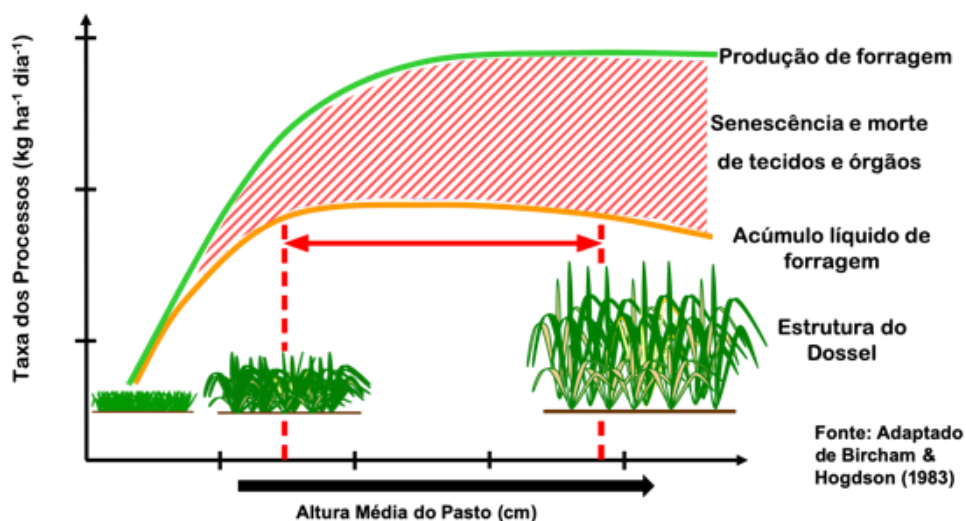


Figura: A curva de crescimento do pasto. Fonte: Equipe SIA.

Na curva, a fase inicial do pasto chamada de “rapador” o pasto ainda é bem baixo, praticamente os perfilhos são formados de folhas, porém folhas bem pequenas. Por isso, tem uma baixa capacidade de captar luz e produzir energia, assim o seu crescimento é bem lento. A medida que os soldados (perfilhos) vão crescendo eles alcançam a fase exponencial.

Esse é considerado o período de máximo crescimento do pasto, onde as plantas atingem uma altura média, temos uma área considerável de folhas com alta taxa fotossintética e o pasto explode em crescimento. Chamamos de fase do “pulo do pasto” e vem com aquela frase que a gente sempre ouve: “meu pasto semana passada parecia que não saía do chão e em poucos dias deu um pulo”.

Nessa fase, além das folhas maiores, temos um pouco mais de colmos, mas ainda controlado. Algumas folhas e perfilhos mais fracos e menores começam a serem sombreados e morrer.

Depois vem a terceira e última fase, a chamada “tá sobrando pasto”. Para quem acha que essa é uma fase boa, sinto em informar que não é e já explico. Nessa fase o pasto já está bem alto e para dar sustentação para todo este ganho em altura, os perfilhos tiveram que aumentar muito a quantidade e a massa dos colmos.

O mesmo processo acontece com as folhas, que agora estão bem grandes (captam bastante luz), mas ficam bem mais duras para segurar todo esse tamanho. O número de perfilhos também já é bem menor, boa parte dos nossos soldados acabaram sombreados e morreram junto com boa parte das folhas da parte de baixo do pasto.

Já deu para perceber que toda essa estrutura grosseira do pasto e toda a mortalidade de folhas e perfilhos não é desejável. O pasto segue crescendo, mas boa parte do que se produz de folhas acima, aumentam as perdas logo abaixo, pois mais folhas e perfilhos vão

sendo sombreadas. Por fim, nessa fase os soldados cumprem mais fácil a sua missão de emitir inflorescência e depois sementes.

NEM BAIXO DEMAIS, NEM ALTO DEMAIS

Todo esse processo de crescimento do pasto no piquete imaginário que ficou sem gado e foi da fase “rapador” até a fase “tá sobrando pasto” (Figura abaixo), acontece em boas condições de temperatura e chuvas, em aproximadamente 45 dias nos pastos tropicais (braquiárias ou capim Sudão) e 60 dias nos pastos de inverno (azevém e aveias), tempo relativamente curto entre a falta e sobra excessiva.

Nossa meta, enquanto manejadores de pasto é ajustar a carga animal para controlar o crescimento dos perfilhos e manter os pastos sempre na fase do “pulo”, onde o crescimento é máximo, com muitas folhas tenras e as perdas, com o aparecimento de folhas mortas e presença de colmos, pequenas. Para que isso aconteça, além de dominarmos o crescimento do pasto e o porquê não podemos perder a mão (não deixar baixo demais ou alto demais), temos que entender como os animais se alimentam, mas esse é um tema que vamos falar na próxima edição. **Até lá!**



Figura: Nem baixo demais (esquerda), nem alto demais (direita). Fotos: Equipê SIA.

Seu maior desafio é o efeito sanfona do gado?

Conheça nossa tecnologia:

Bovicort Premium Engorda 365

- Evolução do sal mineral convencional
- Presença de vitaminas e aditivos melhoradores de desempenho
- Fontes de nitrogênio de liberação lenta
- Gera máxima eficiência alimentar
- Fortalece a imunidade dos animais
- Deprime o crescimento de bactérias indesejáveis ao rúmen e intestino
- Ingredientes de melhor biodisponibilidade



NUCTRAMIX.COM.BR

Siga-nos    @nuctramix



Foto: Associação Brasileira de Criadores de Charolês

CHAROLÊS – GENÉTICA RELACIONADA A ALTOS ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE

Cruzamentos que utilizam o Charolês garantem maiores índices de ganho de peso, além de maior rendimento de cortes na indústria

Sempre que falamos sobre raças bovinas, seja no meio técnico, acadêmico ou mesmo no ambiente rural, percebemos que a argumentação quase sempre tem a ver com o gosto ou mesmo a paixão motivada pela experiência com a criação de determinada raça. Além disso, o marketing envolvido também é um importante motivador junto ao mercado, e é natural que seja assim.

Analisando de maneira mais técnica, podemos afirmar que todas as raças apresentam pontos a serem melhorados e é neste momento que deixamos de discutir sobre raças para discutirmos sobre genética e sua evolução.

UM POUCO DA HISTÓRIA

O Charolês é uma raça originária da França, mais especificamente do Distrito de Charolles. Foi reconhecido em 1770 como uma raça pura, sendo uma das raças europeias mais antigas. Inicialmente era utilizado como animal de tração devido às suas características de força, rusticidade e docilidade, qualidades que permanecem destacadas até hoje nos animais, facilitando o manejo e adaptabilidade a condições adversas de ambiente.

Durante o século XIX foram realizados cruzamentos com a raça Shorthorn branco e a partir daí começou a ser selecionado com ênfase na produção de carne, que se configurou como sua grande característica. No Brasil, o Charolês foi introduzido em 1884 e teve grande desenvolvimento, principalmente entre os anos de 1970 e 1990.

Atualmente, o Charolês é sinônimo de produção de carne, sendo encontrado em todos os continentes, ajudando a construir bons resultados nos mais diversos e desafiadores ambientes.

O CHAROLÊS NOS EUA

Mesmo sabendo de sua origem europeia, podemos afirmar que a grande evolução genética do Charolês ocorreu e continua ocorrendo, no Estados Unidos. A pecuária de corte americana é dona dos mais altos índices de produtividade do mundo, com um desfrute (toneladas de carne produzidas em relação ao número total de animais) cerca de 2,5 vezes maior que o brasileiro.

É certo que a matriz produtiva americana, baseada em confinamento, não serve como comparação com nosso modelo predominantemente a pasto. Porém, gostaríamos de destacar que todo o sistema de alta produtividade deixa um rastro a ser seguido e exporta grande parte de seus sucessos para serem adaptados em ambientes que buscam melhorar seus indicadores.

Atualmente, nos EUA, se observa que o grande mérito do Charolês está no rendimento dos cortes.



Quando utilizado em cruzamentos com outras raças como Angus e Hereford, o produto final é uma carne de alta qualidade, com marmoreio adequado e com alto rendimento de corte aproveitável na carcaça, diminuindo significativamente o desperdício para a indústria.

É preciso deixar claro de que não se trata apenas de aumentar o rendimento de carcaça, mas também, de aumentar o rendimento dos cortes desta carcaça. A conta no frigorífico americano é bastante simples, onde se calcula custos semelhantes para processar carcaças de 250 ou de 450 Kg. Porém, é importante que essa carcaça pesada mantenha uma boa relação entre o tamanho dos cortes e a gordura necessária para o acabamento, para que de fato ocorra redução do desperdício com o excesso de gordura.

ONDE TEM FUMAÇA... TEM CHAROLÊS

Quando pensamos em desempenho, sabemos que os cruzamentos bem direcionados geralmente nos entregam resultados superiores aos que normalmente encontramos nas raças puras e isso se deve a famosa heterose ou vigor híbrido, assunto que trouxemos na edição 05 da Revista PecuáriaSul.

Na prática, consideramos que um dos grandes exemplos de alta expressão de heterose está num terneiro fumaça. Temos a certeza de que muitos aqui já puderam testemunhar a superioridade no desempenho deste animal, fruto do cruzamento entre as raças Charolês e Angus. Esta superioridade se traduz em animais mais pesados a desmama, com maior peso e rendimento de carcaça ao abate, além do maior rendimento também na desossa.

A genética Charolês está consolidada como uma das bases dos cruzamentos industriais de países como EUA, Canadá e Austrália, onde a sustentabilidade da pecuária necessita da máxima produção de carne por animal abatido. Daí o maior desfrute observado nos sistemas de produção destes países.



Foto: Associação Brasileira de Criadores de Charolês

UM NOVO CHAROLÊS NO BRASIL

A trajetória da raça Charolês no Brasil precisaria de muitas páginas para ser corretamente contada. São muitos anos de melhoramento e investimento de pecuaristas dedicados a raça, em sua grande parte no sul do país. Foram décadas de grandes leilões e acúmulo de recordes em exposições como a Expointer (Esteio/RS), somente como exemplo.

Com o passar dos anos, a pecuária brasileira seguiu seu caminho na busca por animais com menor tamanho adulto (frame). Muito disso ocorreu pelo deslocamento da pecuária para áreas de menor potencial agrícola, onde animais com menor necessidade de manutenção, tendem a desempenhar melhor, principalmente sob os aspectos reprodutivos. No entanto, este mesmo caminho indicado pela pecuária moderna, ajudou a definir os rumos da evolução genética do Charolês.

Nos últimos 20 anos, os grandes animais de genética francesa vêm dando espaço para animais de tamanho moderado, oriundos principalmente da genética norte-americana, impactando drasticamente na melhora de indicadores como habilidade materna, facilidade de parto, funcionalidade e eficiência a campo, sem perder sua vocação de produzir animais de alta capacidade de ganho de peso e de elevado rendimento de carcaça no abate.

O novo Charolês é um animal muito mais compacto e cilíndrico do que seus ancestrais de algumas décadas atrás. Também podemos observar animais de pelagem mais curta, característica muito desejável relacionada a uma maior resistência aos ectoparasitas.

A seleção da raça Charolês segue focada nas exigências do mercado, de olho nas necessidades dos pecuaristas na busca por produtividade, melhorando o desempenho na indústria e principalmente, atendendo a consumidores cada vez mais exigentes no que se refere a qualidade da carne.

Texto e edição: Equipe
PecuariaSul



Foto: Antônio Berta

Charolês

**CRIE E CRUZE COM CHAROLÊS!
+ PESO, + LUCRO!**



PRECOCE



PESADO



MODERNO



EFICIENTE



PRODUTIVO



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CHAROLÊS

Parque de Exposições Assis Brasil - Pavilhão do Gado de Corte

BR 116 - Km13 - CEP 93270-710 - Esteio (RS)

Fone/Fax: (51) 3458 3919

charoles@charoles.org.br - www.charoles.org.br



ENTREVISTA - TERRITÓRIO DA CARNE

Nesta edição vamos conversar com a Andrea Mesquita, Zootecnista e CEO da Startup Território da Carne, sobre a cadeia da carne bovina, indústria e hábitos de consumo da carne vermelha. Vamos lá!

Lucas - Embora a produção seja um contexto de muitos fatores, muitos produtores de bovinos de corte estão investindo em tecnologia, buscando tornar mais eficiente a cadeia produtiva de carne bovina no Brasil. Dentre as muitas tecnologias utilizadas quais você pode destacar quando pensamos na entrega do produto a indústria? Realmente é importante esse investimento?

Andrea - Realmente uma parte do produtor brasileiro entendeu que para aumentar o nível de entrega de produto, é preciso investir em tecnologia e, dentre as mais relevantes que eu poderia destacar aqui estariam relacionadas à reprodução, nutrição e gestão:

Quanto cito reprodução, destaco o aprendizado das necessidades desta mãe Vaca que, ainda que não seja uma regra de manejo, antigamente era "largada" à sorte em um dos períodos mais críticos do desenvolvimento do bezerro, no terço médio e final de gestação, onde geralmente há o período de seca e falta de oferta de comida, comprometendo a qualidade do que virá pela frente, até a entrega à indústria.

Referente à nutrição, vale ressaltar que o bovino evoluiu para comer pasto e que esta busca pela tecnologia nutricional está muito mais relacionada às inúmeras pesquisas que permitem o produtor conhecer e otimizar os processos de alimentação do gado, do que o fornecimento exacerbado de grãos.



Lucas Carvalho Siqueira

é Veterinário, Mestre e Doutor em Fisiopatologia da Reprodução (UFMS) e Pós-Doutor em Medicina Populacional na Cornell University (USA). Sócio-Prop. da Empresa Pró-Pecuária e faz parte do Conselho Técnico da Revista PecuariaSul.

Sendo assim, hoje, com difundido conhecimento em aditivos nutricionais bem como de softwares para acompanhamento de GPD via imagem ou dispositivos instalados na produção, o pecuarista que adota este tipo de tecnologia minimiza as perdas e otimiza o alimento fornecido ao seu rebanho.

A terceira tecnologia que destaco é referente ao aparecimento de uma série de sistemas de gestão integrados com a propriedade, visando facilitar as tomadas de decisão do produtor, que tanto tem para gerenciar em sua rotina. Esta tem o potencial de trazer maior previsibilidade de compra, de produção, de venda, de cálculo de margens, entre outros importantes indicadores zootécnicos e mercadológicos.

Vale ressaltar que apesar de se pensar que a implantação de tecnologia aumenta margens por que reduz os custos, acontece justamente o oposto: a implementação de tecnologia – seja ela em qualquer parte do processo produtivo – incrementa os custos absolutos, porém por aumentar a produtividade, eficiência e qualidade do produto final, traz uma otimização de recursos na produção relativa, o que faz o processo ser mais padronizado, previsível e, conseqüentemente, com maior potencial de agregação de valor e margem de lucro.

Sendo assim, o pecuarista que optar em seguir atuando na produção de carne bovina precisa estar preparado para provisionar este tipo de investimento tecnológico que irá mantê-lo competitivo e atuante nos próximos anos.

Lucas – Levando em conta o investimento feito em tecnologias, como podemos agregar mais valor ao produto “carne bovina”? Nesse elo da cadeia produtiva, na sua opinião, qual o maior desafio?

Andrea – A agregação de valor a qualquer produto está em entender o que o consumidor realmente espera daquele ou com aquele determinado produto. No caso da carne bovina, após muito vivenciar o tema e rodar pelo mundo, entende-se que precisamos apresentar cada vez mais esta proteína como uma solução de alimentação e não um produto por si só. Sabemos que a fama do churrasco é amplamente difundida pelo Brasil – de norte a sul do país, porém o consumo no dia a dia está perdendo espaço para alimentos de fácil preparo, industrializados e até mesmo os substitutos de origem vegetal.

Por esta razão, já passou da hora da cadeia de produção de proteína animal se organizar e investir em conhecer mais sobre quais são os hábitos do consumidor moderno, o que ele



Andrea Mesquita

É Zootecnista e CEO da Startup Território da Carne.

busca, como ele vive, em quais ocasiões ele se alimentaria de proteína bovina, quais são suas condições de preparo deste produto, como ele aprendeu a cozinhar, aliás, será que ele aprendeu ou quer cozinhar numa terça-feira chuvosa?

No meu ponto de vista, obter estas respostas de maneira séria e com fins de tomada de ação estratégica é o maior desafio para esta tão esperada agregação de valor.

Lucas – O crescimento da produção está sendo acompanhado pelo aumento da exigência do consumidor, cada vez mais preocupado com o bem-estar dos animais e com a origem do produto que consome. Podemos perceber isso na cadeia de aves e suínos, destacando os termos “criados livres” e “orgânicos” como

apelo ao consumidor. Como poderíamos melhorar essa visão do consumidor em relação a carne bovina?

Andrea - Ao longo de todos estes anos, fui percebendo que vários são os tipos de demandas provenientes do consumidor de proteína bovina. Se você perguntar para qualquer pessoa se desejaria saber mais sobre a procedência dos produtos que consome, a grande maioria dirá que sim, é natural. Porém na prática isso não se confirma.

Muitos consumidores - ainda que digam querer saber sobre a origem e história daquilo que consomem - preferem que suas necessidades de conveniência sejam atendidas. Outros, estão preocupados com questões de saúde. Outros tantos, com o preço que irão pagar.

Somente um nicho deseja conhecer realmente o que está dentro daquela embalagem e buscam informações detalhadas sobre o que aconteceu, quem produziu, qual foi o processo, entre outros tipos de descrições acerca do produto que está prestes a consumir. Para este grupo, vale a pena investir em storytelling via site, redes sociais, embalagem, mail marketing ou qualquer outro ponto de contato com o público-alvo que se queira atingir.

Agora pensando em público em geral, apesar de polêmico e ainda pouco estudado, a minha sensação é de que eles não querem lembrar que aquele pedaço de bife veio de um animal. Sendo assim, recomendo que o setor se organize para entregar cada dia mais conveniência e benefícios associados às necessidades latentes do mercado consumidor, a criar mecanismos de contar o que aconteceu com aquele animal até chegar ao seu prato.



Lucas – Tem se criado diversos mitos em torno da produção e consumo de carne vermelha, principalmente pelo público “jovem”. Junto a isso, percebemos um mercado oferecendo diversas opções de proteínas vegetais à esses “novos consumidores”. Você acredita que, nutricionalmente, é interessante (benéfico) a substituição da proteína animal pela proteína vegetal?

Andrea – Não. Definitivamente esta substituição pelo ser humano me preocupa e eu explico:

1. A proteína vegetal não possui a mesma disponibilidade proteica da proteína animal, considerando a fisiologia humana;
2. A proteína animal é composta por todos os aminoácidos essenciais e várias vitaminas que o ser humano necessita para sua adequada manutenção, sendo assim, removê-la da dieta irá demandar suplementação e acompanhamento profissional – ato acessível somente para a uma minoria da sociedade brasileira e global – o que pode resultar em adultos com deficiências nutricionais e um baita problema para o governo em termos de saúde pública;
3. O humano que optar em substituir a proteína animal pela vegetal e quiser ter o mesmo aporte proteico do hábito convencional, vai precisar ingerir maior quantidade de grãos, o que significa maior produção por pessoa – indo na contramão das discussões de otimização de culturas e distribuição de alimentos.
4. Muitos dos grãos utilizados para estes “substitutos” contêm fatores antinutricionais que, no longo prazo, podem trazer impactos à saúde.

Destaco aqui que não sou médica, tampouco nutricionista para fazer apontamentos e orientações e que todas as informações lidas – em qualquer fonte – devem ser apuradas, questionadas, checadas para assim serem parte de um dossiê para tomada de decisão.

Sendo assim, um alerta para os jovens que assistem a um vídeo na internet ou a uma série de streaming e decidem mudar completamente seus hábitos de alimentação, comprometendo ou colocando em risco sua saúde. Façam isso com consciência, após muito estudar, questionar e apurar – seja este hábito parar de consumir algum produto ou decidir incluí-lo na dieta.

No final do dia, é a vida de cada um que está em jogo! E quem passou aquela orientação rasa não está muito preocupado com a sua saúde, você é que deveria estar.

Lucas – De acordo com a Abiec (2022), no ano passado o Brasil produziu 9,7 milhões de toneladas de carne bovina. Diante desse montante, quando pensamos em “carne premium”, “carne gourmet” ou mesmo “carne certificada” percebemos que esse “nicho” ainda representam um percentual muito baixo em relação ao total produzido, tanto no RS como em todo o país. Porque ainda esse percentual é muito baixo e não conseguimos avançar de forma mais rápida?



Andrea – Acredito que seja porque nós – do lado de cá da produção – somos muito mais apaixonados pelo produto que produzimos do que pelo que o cliente definitivamente precisa.

Enchemos a boca para citar as características do nosso gado, da nossa pastagem, do tempo confinado, do nome do corte em inglês, da técnica de maturação importada de tal país, mas esquecemos que grande parte da população mal sabe descongelar um pedaço de carne em casa e ainda pergunta se precisa lavar o bife antes de preparar.

E para este público, nós só chamaremos a atenção quando difundirmos e permitirmos que ele “brinque” de mestre-cuca com seus familiares e amigos em casa mais dias por semana, não somente em eventos e dias festivos.

Durante a pandemia, grande parte dos consumidores de carne bovina substituíram seus hábitos por produtos mais simples: peito de frango, carne moída, hambúrguer e filé mignon – para os que podiam pagar por ele. E isso aconteceu porque a maioria das pessoas não consome carne em casa no dia a dia porque simplesmente não sabe fazer. E se eu não sei cozinhar, eu não me arrisco comprar, sobretudo um produto de alto investimento, comparativamente a outras proteínas.

Na visão de uma educadora que estuda e viaja para muitas regiões do Brasil e do mundo buscando respostas para este tipo de pergunta, diria que para avançarmos de maneira mais expressiva, precisamos ensinar nosso consumidor brasileiro a consumir essa carne em casa. Não tê-la como somente em ocasião especial. Não somente lembrá-la no dia do churrasco. Trazer para o almoço gostoso de terça-feira, aliando praticidade ao sabor, permitindo que ocupe um jantar de quinta-feira, colocando um steak tartare de paleta de entradinha, ao invés de salames e queijos industrializados, servindo uma maminha assada no forno num domingo junto com a macarronada da vó.




Mas para isso ele tem que saber que é possível e confiar que pode preparar. Acredito que assim evoluiremos na forma de percepção de valor, inclusive contribuindo para dar destino aos cortes menos conhecidos e que acabam se tornando um fardo a se carregar na produção de gado de qualidade superior aos commodities com alto giro.

Lucas - Conta para gente um pouco “quem é” e “qual o papel” do Território da Carne no contexto da produção de carne no país?

Andrea - O TC, como carinhosamente somos chamados ao redor do Brasil, nasce para educar a cadeia da carne. Inicialmente voltado para todo tipo de público de dentro e fora da porteira, entendemos com o passar dos anos que um grande nicho a precisar de ajuda eram os açougues - quem de fato está em contato com o consumidor no dia a dia.

Nascemos em 2015 como um simples perfil de conteúdos educativos nas redes sociais, migramos para um site com blog em 2017, evoluímos para uma empresa focada em cursos online em 2018 e hoje nos orgulhamos em dizer que somos o maior ecossistema de informações, educação e negócios para o mercado de proteína bovina no Brasil (e daqui a pouco do mundo!). Com programas de formação que vão desde universitários (PC 4.0 Uni), passando por cursos profissionalizantes de formação de nutricionistas, a comunidades de donos de açougues, casas de carnes e restaurantes, que são ajudados desde construção de seus negócios a desafios de conquista e fidelização de clientes para prosperarem suas vendas, o TC busca fazer parte da rotina de quem atua na cadeia produtiva da pecuária bovina!

Gostamos de dizer que geramos negócios a partir da educação e acreditamos que através dela, faremos o brasileiro ser o melhor, mais apto e responsável profissional, entusiasta ou simplesmente consumidor de carne bovina do mundo!



"Se você também é um apaixonado pela cadeia da carne, não deixe de estar por perto do TC! Acompanhe nossas mídias sociais, site, eventos e programas de formação, afinal, conhecimento não ocupa espaço e a gente AMA compartilhar!"



"Atuamos como facilitadores do sucesso do seu empreendimento agropecuário. Partimos de um diagnóstico da realidade para chegar nas melhores soluções, para tornar o seu negócio mais rentável e eficiente. "

Áreas de atuação

Pró-Pecuária Soluções Personalizadas.

- Avaliação e diagnóstico.
- Planejamento e execução.
- Manejo sanitário e reprodutivo.
- Treinamento de equipe.
- Projetos de pesquisa empresariais.
- Gestão.

Contato



@pro.pecuaria



55 99641 7773



Caderno

ENCORTE



HIDATIDOSE - UMA IMPORTANTE ZOOSE

A hidatidose é uma zoonose de distribuição global, na América do Sul ela apresenta uma maior prevalência sendo também considerada uma doença emergente.

A doença é causada pela forma larval do parasita *Echinococcus granulosus*, que infecta herbívoros e, incidentalmente, humanos, através da ingestão de ovos do parasita, excretados por cães, e quando ingeridos se desenvolvem no corpo, causando cistos hidáticos – preferencialmente nos pulmões e fígado, mas também podem ser encontrado nos rins, baço, ossos, cérebro e músculo.

A hidatidose é considerada uma das mais importantes doenças zoonóticas da tênia em todo o mundo, e assim despertou grande interesse na saúde pública, especialmente em áreas com grande quantidade de bovinos e abate não supervisionado.

COMO ELA ACONTECE?

O Rio Grande do Sul é o estado do Brasil que apresenta o maior número de infecção da hidatidose nos animais e nos humanos. A incidência é maior nas áreas rurais, através da prática de usar cães pastores e alimentá-los



Fígado condenado no frigorífico por conter cistos hidáticos.

Foto: Med.Vet. Luís Antônio Vielmo

com as vísceras cruas de animais contaminados, quando os animais são abatidos na fazenda, contribuindo, assim, para a perpetuação do parasito na natureza e manutenção de seu ciclo biológico.

Outro aspecto que faz com que essa zoonose perpetue é a falta de programas sanitários e o procedimento de fornecer antiparasitários aos animais.

“O ciclo do *E. granulosus* depende de fatores que contribuem para a manutenção dos agentes nos hospedeiros, como alta densidade populacional dos hospedeiros definitivos e intermediários (convívio de cães e ovinos em altas concentrações), fatores socioeconômicos (alto índice de abate domiciliar) e fatores culturais da população (hábito de alimentar cães com vísceras cruas).” - Monteiro, 2017.

Os cistos hidáticos são unicelulares e preenchidos por fluido, onde encontramos os produtos de secreção e excreção do parasito.



***Echinococcus granulosus*. Helminto cestódeo, agente da hidatidose. Equipe Encorte.**

O hospedeiro intermediário (bovinos e ovinos) ou o acidental (homem) se contamina ao ingerir os ovos liberados no ambiente pelas fezes do cão, que é o hospedeiro definitivo.

Após a ingestão, no intestino os ovos rompem, liberando a larva. Essa larva irá atravessar a mucosa intestinal e assim chegar à circulação sanguínea, chegando ao fígado por exemplo, podendo acometer outros órgãos. Os cistos se formam em 70% dos casos onde a larva chega, formado esse cisto, o ciclo se encerra.

Manifesta-se como uma doença crônica, silenciosa e de desenvolvimento lento, mais comumente encontrada na produção de animais durante a inspeção de abate, ocasionando altas perdas para a cadeia produtiva da carne, devido a condenação dos órgãos infectados.

NO SER HUMANO

Já na hidatidose humana, a infecção primária é assintomática com longos períodos de latência. A clínica da infecção depende do local e do tamanho dos cistos. Sintomas podem ocorrer em decorrência do efeito de massa nos órgãos, obstrução linfática ou do fluxo sanguíneo, ruptura de cisto e infecção bacteriana, além de comprometimento pulmonar.



COMO PREVENIR?

Hábitos de higiene são indispensáveis na prevenção da hidatidose, além de adoção de atitudes de guarda responsável com os cães. Para isso podemos adotar os seguintes passos:

- **Evitar que os cães tenham acesso a carcaças de animais mortos;**
- **Não fornecer vísceras cruas aos cães;**
- **Cozinhar as vísceras antes de fornecer aos cães: todas submersas na água fervente, por no mínimo 45 minutos;**
- **Não permitir o acesso de cães às hortas;**
- **Fornecer antiparasitários aos cães: conforme orientações de médico veterinário;**
- **Enterrar as fezes dos cães, após fornecer o vermífugo;**
- **Identificar os animais: para que sejam devolvidos ao guardião caso se percam.**
- **Lavar as mãos: após contato com cães e outros animais; após ter contato com a terra e utensílios de jardinagem; antes de se alimentar; após ir ao banheiro;**
- **Ingerir alimentos de procedência conhecida: hortaliças e frutas bem lavadas; água tratada e/ou fervida.**



Cisto hidático preenchido por fluido na carcaça bovina.

Foto: Med.Vet. Luís Antônio Vielmo

CONDENAÇÃO NO FRIGORÍFICO

Segundo o decreto nº 9.013, de 29 de março de 2017 RIISPOA (Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal) em seu Art. 155 “As carcaças e os órgãos de animais que apresentem cisto hidático devem ser condenados quando houver caquexia” ou seja, os órgãos afetados devem ser condenados.

Por fim, observa-se através de vários estudos e acompanhamentos da rotina de abate dos frigoríficos que a hidatidose ainda possui um considerável número de casos, os quais representam um relevante risco para o homem, além dos prejuízos econômicos.

Fica evidenciada, assim, a necessidade de implementação de ações voltadas à educação sanitária, no sentido de orientar a população quanto a cuidados simples que devem ser adotados para prevenção e controle desta zoonose.



Daniel Duarte Seehaber

Graduando em Zootecnia/UFSM

Gabriel Navarrina Soares

Graduando em Zootecnia/UFSM

Maria Augusta Della Flora da Luz

Graduanda em Medicina Veterinária/UFSM

Membros do Grupo ENCORTE/UFSM

Referências:

<https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/201612/02101236-inftec-59-hidatidose-vista-pela-ses.pdf>

MONTEIRO, Silvia Gonzalez. Parasitologia na Medicina Veterinária. 2 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. 370p. OLIVEIRA, Plínio Aguiar de et al.

BRASIL. Decreto-lei nº9.013, de 29 de março de 2017. Dispõe sobre o regulamento da inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal, que disciplina a fiscalização e a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal. Brasília, 29 de março de 2017. Disponível em: http://www3.servicos.ms.gov.br/iagro_ged/pdf/2511_GED.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.

UFRGS. Echinococcus granulosus. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/para-site/siteantigo/Imagensatlas/Animalia/Echinococcus%20granulosus.htm>. Acesso em 17 set. 2022.

**ESTE ESPAÇO ESTÁ
RESERVADO PARA
SUA EMPRESA.**



A Revista PecuariaSul vem se consolidando cada vez mais como fonte de informação técnica de qualidade, numa linguagem prática e objetiva para o produtor rural.

Traga sua marca para a PecuariaSul e atraia os olhares de milhares de produtores rurais que já acessam nossas publicações digitais e impressas!

**VENHA CONOSCO!
JUNTOS SOMOS MAIS
PECUARIASUL!**

**SOLICITE UM ORÇAMENTO
PELO NOSSO WHATSAPP**



51 999 77 08 41





RUA EDMUNDO BISCHOFF, N° 150 - RESTINGA SECA/RS

FONE: (55) 99973 6603



ATENDENDO A REGIÃO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL COM TODA A LINHA DAS MARCAS:



NEGOCIO FECHADO

O primeiro app **exclusivo** de compra e venda de bovinos e ovinos com **certificação**

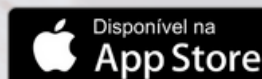


Faça suas transações pelo aplicativo e promova seus negócios em todo o Brasil!



CADASTRO GRATUITO

Baixe agora!



WWW.NEGOCIOFECHADO.APP

@negociofechado.app @Negócio-Fechado

O evento conta com grandes nomes do Agro, palestras, cases e debates voltados ao agronegócio.

IV Donas do AGR



📅 19 outubro de 2022.

🕒 Das 08: às 18:00.

📍 Santa Maria, UFSM -

Auditório do Centro de Ciências Rurais.



SANTA MARIA A TERRA DO ENCORTE

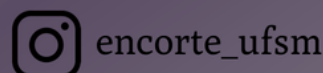
17 A 19 DE NOVEMBRO



17/11 **Ovinocultura**

18/11 **Bovinocultura de Corte**

19/11 **Dia de Campo - Col. Politécnico da UFSM**



<http://www.encorteufsm.com/>

BEBEDOURO MÓVEL DE ALTA VAZÃO E ENGATE RÁPIDO

SOLUÇÃO PRÁTICA PARA SISTEMAS INTENSIVOS
ALTA CAPACIDADE DE REPOSIÇÃO DE ÁGUA
VIDA ÚTIL SUPERIOR A 15 ANOS
FÁCIL DE LIMPAR
FÁCIL DE MANUSEAR
MENOR CUSTO POR HECTARE

Jetduto



@jetdutooficial



comercial@jetduto.com.br



(51) 3536 1326



http://

www.jetduto.com.br

CONHECIMENTO APLICADO AO CAMPO
DIAGNÓSTICO - PROJETO - ASSESSORIA



GANADO

ASSESSORIA AGROPECUÁRIA LTDA.

ENTRE EM CONTATO

WWW.ganado.com.br



(51) 9979-0615



@GANADOASSESSORIA



Ferreira & Pedrotti

Agronegócios e Remates

A Ferreira e Pedrotti tem quase uma década de existência e de trabalho com a comercialização de bovinos.

Sempre pensando em crescer e inovar, a empresa assumiu no final de 2021, uma das mais conceituadas praças de negócios do Rio Grande do Sul, o tradicional palco de remates Ernesto Costa Gama, no Sindicato Rural de Guaíba.

Com localização e logística privilegiadas para seus clientes, a empresa vem realizando remates mensais com grandes volumes de animais comercializados, tanto no recinto em Guaíba, como também de maneira virtual através de seu canal no Youtube.



Siga nossas páginas:
ferreiraapedrotti  



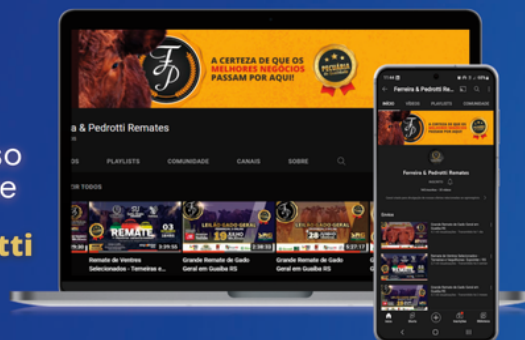
O escritório tem sede no Sindicato Rural de Guaíba, para melhor atender clientes e amigos, sempre com muita seriedade, profissionalismo e muito respeito pelo produtor rural.

Contamos com a presença de todos para juntos mantermos a pecuária gaúcha em evidência!

Ferreira e Pedrotti! A certeza de que os melhores negócios passam por aqui!

Assista nossos remates em nosso canal do YouTube

Ferreira & Pedrotti Remates



Emerson Ferreira
(51) 99709-0548



Angelo Pedrotti
(51) 99912-2511

Realize seu cadastro em nosso site:
www.ferreiraapedrotti.com.br

A Maior Variedade de Espécies Forrageiras do Rio Grande do Sul



Representante/Distribuidor exclusivo Barenbrug, Valfilm/Futurewrapm, Advanta e Quimtia.

A Duagro atende a todo estado do Rio Grande do Sul e conta com equipe técnica qualificada para avaliar a sua propriedade com olhos de quem entende do assunto.

Conte conosco para melhorar a sua produtividade!

☎ (51) 3751-3733 | (51) 9 8041-5252

✉ contato@duagro.com

📍 Rod. RS 129, Km 72, Nº 5744 / Planalto, Encantado - RS

🌐 www.duagro.com



Foto: Equipe Ecape Jr.

TUDO COMEÇA COM A ANÁLISE DE SOLO

A análise de solo é com certeza, um dos pilares fundamentais da produção agrícola. A mesma afirmação pode e deve ser estendida para a produção pecuária, que depende basicamente dos recursos forrageiros provenientes deste solo. No entanto, um número muito grande de pecuaristas ainda encontra dificuldades em conseguir informações técnicas sobre serviços relacionados a análises de solo.

Diante dessas condições, decidimos utilizar este espaço para orientar produtores rurais nesta etapa tão importante, que consiste no primeiro passo para que pequenas propriedades começassem a produzir mais e consequentemente lucrar mais.

É importante lembrar que somente com as impressões visuais obtidas a campo fica impossível avaliar as reais condições do ambiente do solo, além de não ser possível determinar problemas nutricionais que envolvam as plantas.

Através da coleta de amostras de solo e posterior análise das mesmas, poderá ser feita

a recomendação dos índices de adubação e calagem para a área em questão, visando a produtividade com sustentabilidade, sem desperdiçar recursos naturais ou financeiros, evitando gastos desnecessários que acontecem quando adubamos a pastagem sem conhecer o solo. Por isso, a análise de solo e dos dados obtidos deve fazer parte do calendário de implantação de qualquer cultura, propiciando que tenhamos o conhecimento necessário para melhorar as condições do solo e o desenvolvimento ideal das pastagens.

NA PRÁTICA

Quando chegamos numa propriedade, o trabalho prático começa com o reconhecimento das áreas de produção, sejam elas de campo nativo, pastagens ou lavoura. Neste momento, identificamos o número de amostras que devemos coletar de cada área, em função de suas diferenças de relevo ou mesmo de utilização anterior.

Desta maneira, definimos a quantidade de subamostras necessárias para a composição de cada amostra de solo que será enviada para a análise.

Coletamos as subamostras utilizando um trado ou mesmo uma pá de corte e depositamos num recipiente, onde após a homogeneização, separamos uma amostra de cerca de 500 gramas para envio ao laboratório.

Assim que recebemos o laudo de análise da área, entregue pelo laboratório (normalmente em até 7 dias), nossa equipe parte para a próxima etapa, onde recomendamos a adubação e calagem necessárias para a implantação de uma pastagem ou mesmo para a manutenção ou melhoramento de um campo nativo.

Também entregamos ao produtor um documento contendo todas as informações

necessárias para que o processo seja realizado de forma correta e ainda, realizamos também uma conversa para sanar possíveis dúvidas sobre estas recomendações e processos.

Para exemplificar, podemos mencionar um projeto que conduzimos recentemente onde o objetivo do cliente foi o de ingressar na atividade rural, mais especificamente na ovinocultura. Neste caso, realizamos o estudo de mercado e o dimensionamento da atividade que teve como base a produção de pastagens cultivadas e o melhoramento do campo nativo, etapas do projeto que somente foram elaboradas após as análises de solo.

Em outro projeto, ainda em andamento, estamos trabalhando com foco total no melhoramento do campo nativo, com passos bem definidos que começam com a correção do solo, implantação de novas espécies e manejo adequado das áreas. Evidentemente que nosso ponto de partida foi a análise do solo.



ECAPE Jr.

Somos uma empresa de consultoria júnior, formada por acadêmicos de cursos de graduação na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul.

Nossos serviços de consultoria já alcançaram dezenas de municípios da região sul do RS, com mais de 50 projetos realizados.

A ECAPE vem impactando positivamente as propriedades com que trabalha, levando conhecimento, inovações e suporte aos produtores, auxiliando-os na tomada de decisões e manejos mais assertivos, como por exemplo a importância em realizar análises de solo, em sistemas de horta, lavouras, pomares e também na pecuária.

Além disso, ajudamos na realização de bons dimensionamentos de sistemas de irrigação, o uso de composteira para o aproveitamento de resíduos orgânicos e quais serão os benefícios para a propriedade.

Quer saber mais sobre Análise de Solo ou sobre os demais serviços prestados por nossa empresa?

Então, entre em contato com a Ecape Jr. Consultoria Agropecuária que nós vamos te ajudar! Você pode nos contatar pelo e-mail: ecape.faem@gmail.com ou pelo telefone/WhatsApp (53) 99185-0175. Siga em nossas redes sociais e fique por dentro das novidades!

Instagram: @ecapejrconsultoria
Facebook: ECAPE Consultoria Agropecuária Jr.
Site: www.ecapejrconsultoria.com

ACELERE SUA PRODUÇÃO COM A BATERIA

ACCELERATED GENETICS

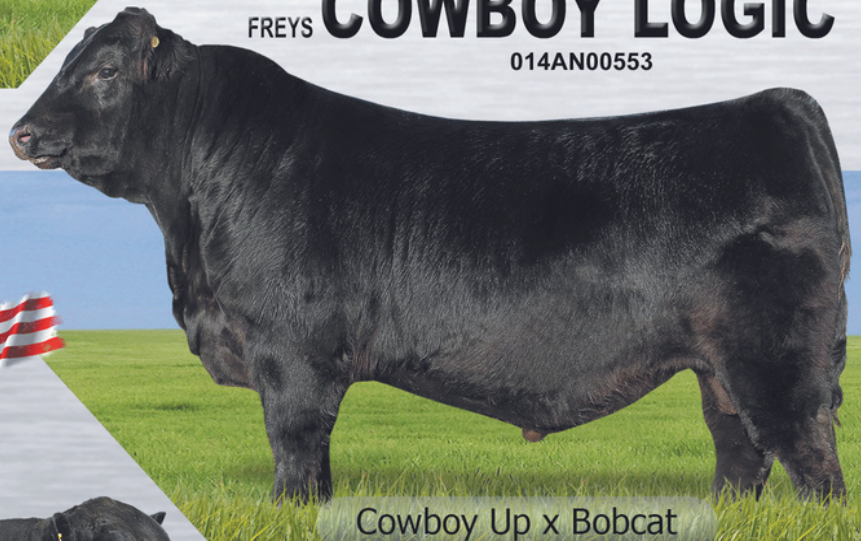
TEHAMA **TAHOE** B767
014AN00502



Upward x Final Answer



FREYS **COWBOY LOGIC**
014AN00553



Cowboy Up x Bobcat

AAR **RUSSELL** 7098
014AN00534



Resource x Franklin



Accelerated Genetics[®]





Nossos Parceiros

UMA LONGA JORNADA PRECISA SER PERCORRIDA EM GRUPO



Ferreira & Pedrotti
Agronegócios e Remates



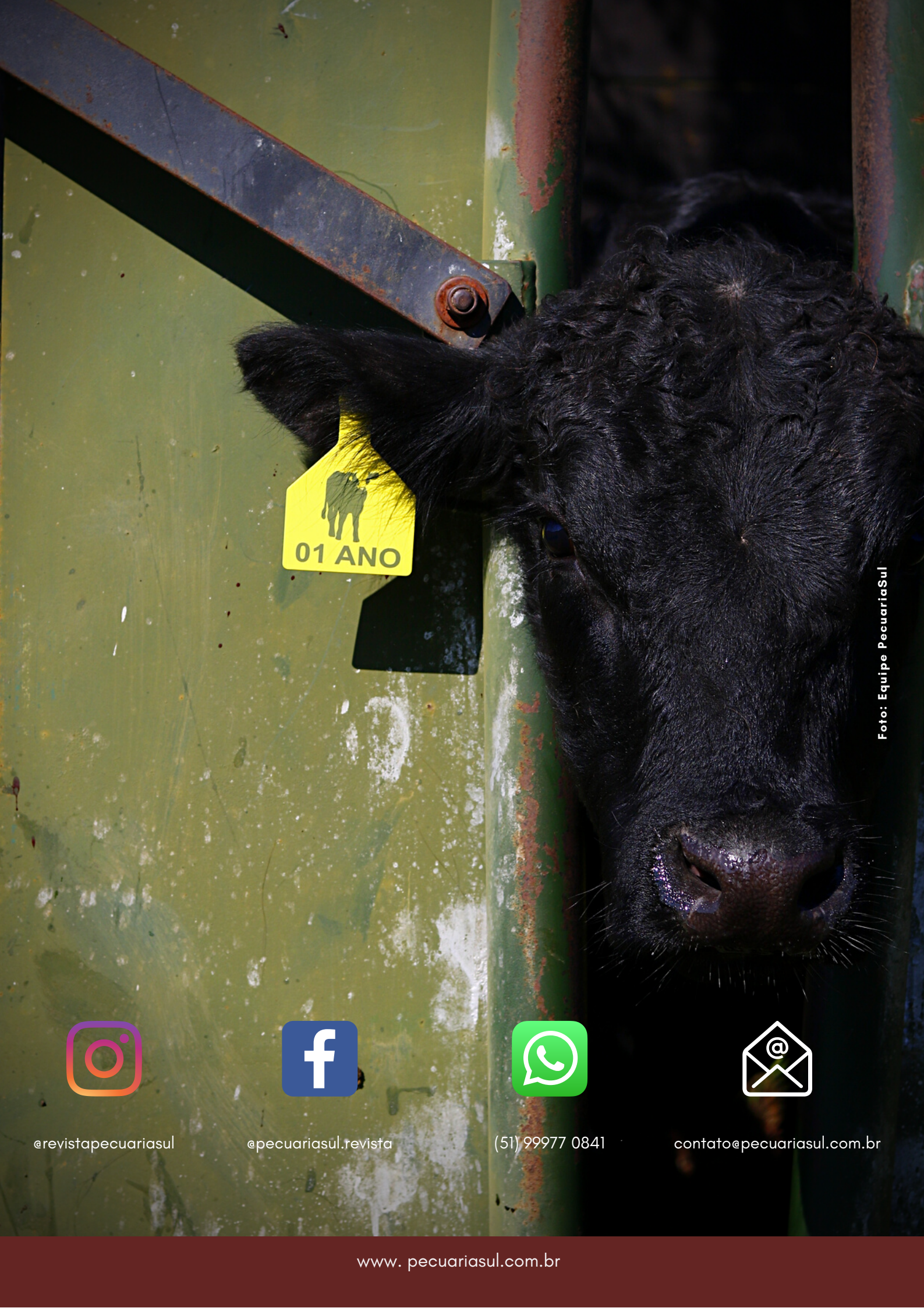


Foto: Equipe PecuaríaSul



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br